

Re-significando a Duratex: desconstruindo barreiras, requalificando o espaço público.

Re-meaning for Duratex: deconstructing barriers, requalifying public space.

Re-significado para Duratex: desconstruyendo barreras, recalificando el espacio público.

Richard Heiton Mian Filho

Discente, Univ. Paulista (UNIP), São Paulo, Brasil
richard.hmian@gmail.com

Sérgio Antônio Santos Junior

Docente, Univ. Paulista (UNIP), São Paulo, Brasil
arquiteturismologo.sergio@gmail.com

RESUMO

Este estudo trata de uma "reconversão urbana" no perímetro conhecido como antiga fábrica da Duratex em Jundiaí/SP, atualmente desativada. O foco principal é criar um parque urbano e um prédio suplementar: uma estrutura de pavilhão não planejada arquitetonicamente; a proposta é justificada pela transposição de barreiras existentes na região, como a ferrovia e o rio. Ao superar esses obstáculos, também implementaremos e conectaremos os bairros de Vila Arens e nos distritos adjacentes pela Avenida dos Imigrantes Italianos. A interpretação teórico-metodológica decorre do pós-estruturalismo e do movimento intervalar na arquitetura e no urbanismo. Ao lidar com estruturas instáveis de usos dos espaços, nossa intenção é lidar com a imaginação (imagem-e-ação), onde o inesperado acontece. Dentro dele, nossa intenção final é dessensibilizar a cidade para promover o fenômeno da urbanidade, que compreende a cordialidade entre as pessoas, oferecendo essas áreas para uso público, promovendo experiências e encontros entre diferentes tribos urbanas.

PALAVRAS-CHAVE: Jundiaí, reconversão urbana, parque urbano, re-sensibilidade.

ABSTRACT

This study is about an "urban reconversion" in the perimeter known as from old Duratex's Factory in Jundiaí/SP, currently disable. The main focus on it is to create an urban park and a supplementary building: one pavilion structure architecturally unscheduled the proposal is justified by the transposition of existing barriers on the region, such as the railway and the river. When overcoming these hindrances, we will also implement and connection with Vila Arens neighborhoods joined the adjacent districts by Avenida dos Imigrantes Italianos. The theoretical-methodological interpretation stems from the post-structuralism and the intervalar movement in architecture and urbanism. On dealing with unstable structures of uses from the spaces, our intention is to deal with the imagination (image-and-action), where the unexpected happens. Within it, our final intention is resensitizing the city to promote the urbanity phenomenon, which comprises the cordiality among the people, offering these areas to public uses, promoting experiences and meeting between different urban tribes.

KEYWORDS: Jundiaí, urban reconversion, urban park, re-sensitiveness.

RESUMEN

Este estudio trata sobre una "reconversión urbana" en el perímetro conocido como de la antigua fábrica de Duratex en Jundiaí / SP, actualmente desactivada. El objetivo principal es crear un parque urbano y un edificio complementario: una estructura de pabellón arquitectónicamente no programada, la propuesta se justifica por la transposición de las barreras existentes en la región, como el ferrocarril y el río. Al superar estos obstáculos, también implementaremos y conectaremos con los barrios de Vila Arens unidos a los distritos adyacentes por la Avenida dos Imigrantes Italianos. La interpretación teórico-metodológica se deriva del post-estructuralismo y el movimiento intervalolar en arquitectura y urbanismo. Al tratar con estructuras inestables de usos desde los espacios, nuestra intención es tratar con la imaginación (imagen y acción), donde sucede lo inesperado. Dentro de ella, nuestra intención final es volver a sensibilizar a la ciudad para promover el fenómeno de la urbanidad, que comprende la cordialidad entre la gente, ofreciendo estas áreas para usos públicos, promoviendo experiencias y encuentros entre diferentes tribus urbanas.

PALABRAS CLAVE: Jundiaí, reconversión urbana, parque urbano, re-sensibilidad.

INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte de uma reflexão iniciada em outro momento¹, quando expusemos uma proposta de intervenção, de caráter utópico, à comissão examinadora no trabalho final de graduação, sobre a (re) significação do local que abrigou de 1954 a 2009 a fábrica da Duratex, em Jundiaí/SP, que, atualmente (2019), se encontra em situação de abandono.

O projeto trata-se, portanto, de uma proposta de *reconversão urbana*² no perímetro sitiado entre os bairros: Vila Arens, Ponte São João, Vila Santana II e Jardim Pacaembu (Figura 1).

Figura 1 – Mapa de situação da região.



Fonte: GOOGLE EARTH (2019). Edição : Richard Mian Filho (2019).

Em meio aos conflitos e convergências existentes no local, foram definidos três eixos norteadores da proposta: 1) estimular novas produções culturais e sociabilidade na região, por mediação e suporte das práticas de lazer; 2) renovação dos usos do meio urbanos e do edificado; 3) requalificar a mobilidade da área e do entorno. Mas, antes de prosseguirmos, se faz necessário esclarecer as pré-condicionantes que conduziram a essas diretrizes.

Com os elementos de Lynch (1960, p.51), sobre a imagem e legibilidade da cidade, elaborou-se o mapa interpretativo abaixo (Figura 2), para elucidar e situar as condicionantes urbanas por meio de vias, marcos, pontos nodais, limites (ou barreiras) e abairramento.

Figura 2 – A imagem da cidade e seus elementos aplicados à região da antiga fábrica Duratex Jundiaí/SP e entorno (2019).



Fonte do mapa: GOOGLE EARTH (2019). Edição: Richard Mian Filho (2019).

A área de intervenção – tracejada em diagonal – está localizada entre duas barreiras paralelas entre si no sentido horizontal; mais ao norte, tem-se o Rio Jundiaí (Figura 3 e 4) e, mais ao sul, a linha férrea (Figura 5) apresentada com um marco e ponto nodal, que se refere a estação de trem e terminal Vila Arens (Figura 6 e 7).

Figura 3 e 4 – Respectivamente, vista transversal e longitudinal do Rio Jundiaí.



Fonte: Richard MIAN FILHO (2019).

Figura 5 – Linha férrea e, à direita da imagem, terreno da antiga fábrica.



Fonte: com drone, Richard MIAN FILHO (2019).

Figura 6 e 7 – Imagem panorâmica da estação de trem e terminal Vila Arens.

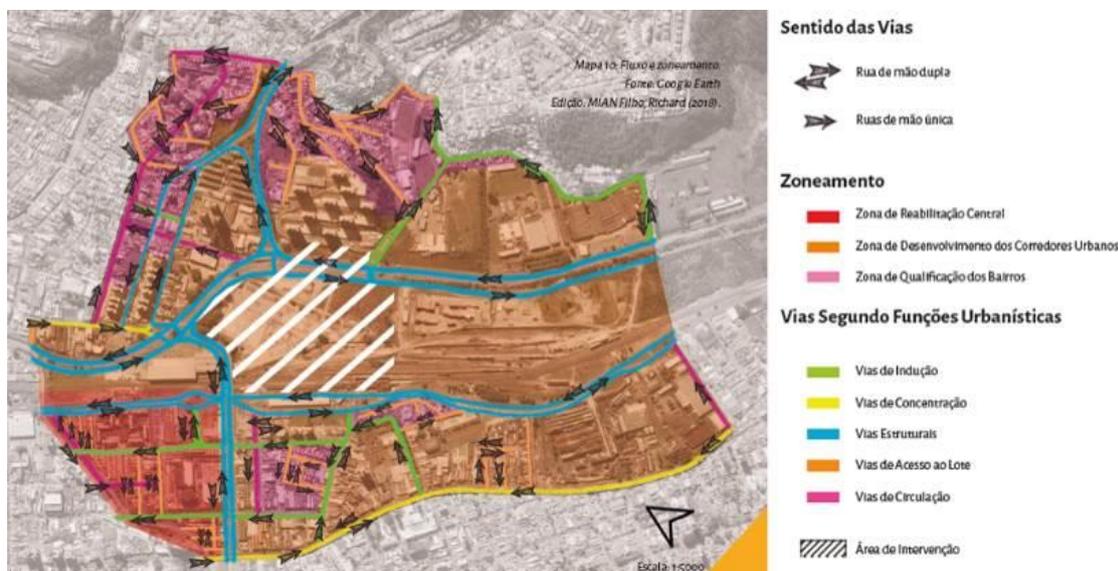


Figura 23. Terminal de ônibus e estação de trem.
FONTE: MIAN FILHO, Richard (2018).

Fonte e Edição: Richard MIAN FILHO (2019).

O enquadramento funcional da região (Figura 8) está em uma Zona de Desenvolvimento dos Corredores Urbanos – MEQU, conforme o Plano Diretor (2016).

Figura 8 – Zoneamento aplicado a região.



Fonte do mapa: GOOGLE EARTH (2019). Edição: Richard Mian Filho (2019).

Devido a essas características, a Vila Arens recebe diariamente pessoas de bairros e cidades vizinhas – região distribuidora de fluxos – haja vista que o Plano Diretor visa estimular a diversidade do setor habitacional e comercial, pelo MEQU, o intuito aqui é, portanto, recepcionar e articular a urbanidade porvir. E eis que surge a proposta da criação de um parque, como mediador e suporte, para esta reconversão urbana. Estas foram as instâncias que subsidiaram as diretrizes deste projeto.

Enriquecidos por essa perspectiva, desenhou-se o objetivo geral deste estudo: promover e aprimorar a urbanidade. Elencado a isso, sugeriram também algumas designações específicas, que complementam essa proposição, como: ocupar as áreas subtilizadas que possam promover encontros e eventos; melhorar a sinalização e mobilidade por meio de travessias em nível, reparos no viário, ciclovias, entre outros; promover pontos de amenidade e oportunidade adaptativa ao meio inserindo árvores de médio e grande porte pulverizadas neste espaço; e, por fim, mas não menos importante, conectar os bairros da Vila Arens, Vila Nova Argos, Ponte São João, Vila Santana II, Jardim Pacaembu e Parque Recanto do Carrilho, separados pelas barreiras físicas: naturais (Rio Jundiaí) e artificiais (a linha do trem).

MÉTODO

A pesquisa consiste nas seguintes etapas: levantamento bibliográfico sobre intervenções urbanas em áreas degradadas e seus direcionamentos pós-intervenção, que são tomadas por três estudos de caso que elucidam, na medida em que compõe, este referencial teórico, de produção e prática da disciplina, sendo: o Largo da Batata, o Parc de la Villette e a Marquise do Ibirapuera. Cientes que o denominador comum entre os estudos de caso é a qualificação e o aprimoramento das dinâmicas urbanas, no primeiro caso, tem-se a aplicabilidade do conceito

de *reconversão urbana* na ação urbanística brasileira, enquanto os outros dois, melhor elucidam nossa chave de leitura dos usos nestes espaços, que parte da noção pós-estruturalista e do movimento intervalar em arquitetura. Por fim, apresenta-se a proposta projetual e possíveis experimentações.

DESENVOLVIMENTO

Em nossa chave de leitura interpretativa, os modos contemporâneos de uso dos espaços explicitados nos exemplos a seguir, o elemento estruturador conceitual que os permeia é noção pós-estruturalista e o movimento intervalar em arquitetura. De acordo com Igor Guatelli (2012, p.148), trata-se de um processo abrangente em superar a ideia de que a arquitetura deva resolver algo para um determinado fim, questionando estruturas estáveis, a partir de um problema previamente definido.

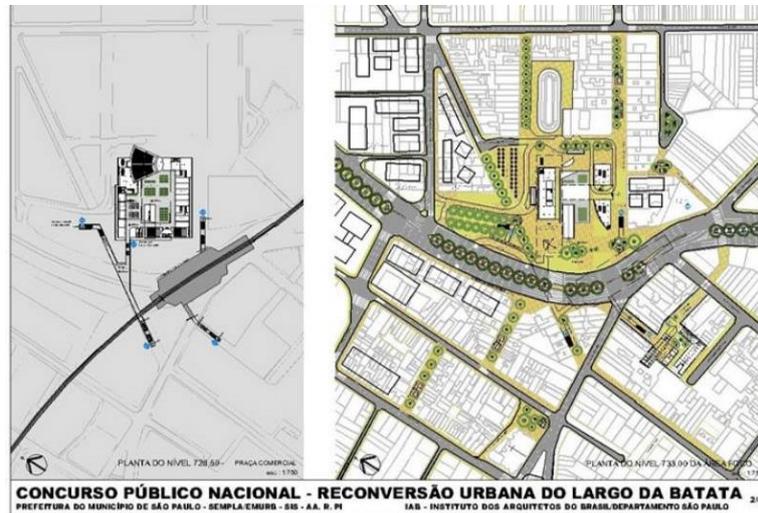
Se a noção pós-estruturalista é o questionamento, o movimento intervalar é uma possível resposta, a qual não cabe vereditos. Esse intervalo arquitetônico é lugar de imprevistas habitabilidades, pela a indefinição algo que será capaz de estruturar um outro em si mesmo. Tal conceito provém da gramatologia derridiana que, ao hifenizar uma palavra, constrói-se múltiplos sentidos por sua representação – representa-ação.

Ao olhar o passado, quando se tentou estabelecer uma regulamentação normativa de usos e funções – predial e/ou urbana –, percebe-se com a história da arquitetura, mas especificamente com a arquitetura modernista, que este padrão universalizante foi uma tentativa frustrada, sendo o elemento chave de sua ruptura (Barone, 2002).

Ao selecionar os estudos de caso, o que se buscou foram exemplos de arquitetura mutável, as quais provavelmente fugiram do originalmente proposto e deslocavam seus significados ao ocupar uma função outra àquela que previamente lhes foi concebida.

Do primeiro caso, a “Reconversão Urbana do Largo da Batata”, pois é pioneira na ação urbanística brasileira, pelo emprego e prática do termo conceitual: reconversão urbana. Do comércio informal, iniciado em 1910 pela venda de batata, que se perpetua até hoje (2019) com produtos diversos, a instalação do terminal de ônibus, em 1970, o local começou seu processo de degradação no final da década de 1990, mas a partir de 2010 com a reconversão, mudou-se a esta condição (Mascarenhas, 2014) (Figura 9).

Figura 9 – Projeto vencedor do concurso de Reversão Urbana Largo da Batata.



Fonte: <https://slideplayer.com.br/slide/351810>. Autor: Tito Livio Frascino.

Com a inauguração da estação Faria Lima do metrô, mais pessoas circulam pela área, haja vista que o local é um importante polo do setor de serviços da cidade e daí que surge a necessidade desse equipamento. Devido a essa demanda, justifica-se, portanto, sua ampliação e qualificação dos espaços públicos; sendo este, um dos principais pontos de absorção desta referência projetual. E decorrente deste processo, no período noturno, há uma transformação do Largo: o local de passagem rápida dá lugar ao local de permanência e o protagonismo das práticas diversas de lazer ofusca a esfera do trabalho, pela intensa apropriação de jovens no espaço andando de skate, conversando ao redor ou sentados nos bancos, e os bares passam a externalizar suas mesas no espaço público (Figura 10 e 11).

Figura 9 – Projeto vencedor do concurso de Reversão Urbana Largo da Batata.

Fonte:
Richard
MIAN
FILHO
(2019).



Figura 11 – Mesas de bar ocupando o Largo

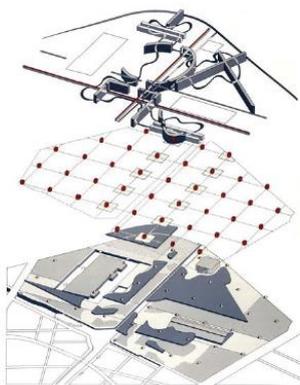


Figura 50. Uso noturno no Largo da Batata.
FONTE: MIAN Filho, Richard (2018).

Fonte: Richard MIAN FILHO (2019)

O Parc de la Villette é outro exemplo clássico de transformação territorial. Após 32 anos do concurso vencido pelo arquiteto Bernard Tschumi, em 1987, e mais de 22 anos de sua inauguração, o local era um antigo abatedouro e hoje é o maior parque da cidade de Paris, como cita Montaner (2017). O autor explica que no processo do projeto, Tschumi elabora de um sistema de pontos, linhas e planos, realizados de forma independente e, em seguida, sobrepostos (Figura 12). O que se absorve nesse referencial, além do modo de projetar, é a apreensão entre regularidade e fantasia, ordem e confusão de elementos casuais e inesperados, que dão variedade a cena. Nota-se, também, que a ponte (Figura 13), além de sua prerrogativa como elemento conectivo e transposição do rio é oportunamente apropriada enquanto arquibancada, assim como as folies – as estruturas vermelhas –, que dão vazão ao ato criativo e imaginativo, onde crianças e adultos interrogam a in-utilidade de seu vazio (Guatelli, 2017).

Figura 12 (esquerda) – Diagrama esquemático de projeto. Figura 13 (direita) – A transposição e o flânerie do Parc de La Villette.

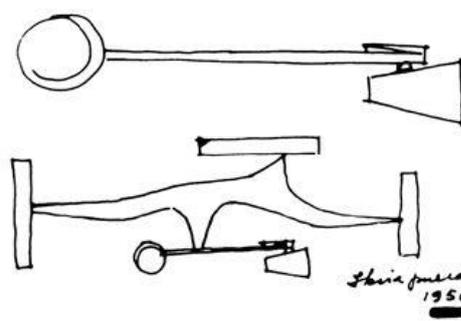


Fonte (Esquerda): <https://www.archdaily.com.br/br/01-160419/classicos-da-arquitetura-parc-de-la-villette-slash-bernard-tschumi> (2013).

Fonte (direita): Igor GUATELLI (2017). <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.208/6715>

Por fim, com a Marquise do Ibirapuera, idealizada como elemento articulador entre as demais edificações do parque (Figura 14 e 15), pode-se dizer que essa é sua última função: conduzir o pedestre entre as edificações. Sob a marquise, o intervalo arquitetônico se faz mais evidente, pois o agenciamento de situações incomuns e a abertura para provires do ser, permanece atrelada à sua idealização e resolução de algo conectivo, mas sua liberdade de uso e funções indefinidas, comporta, em si, pessoas descompromissadas e desinteressadas nos edifícios adjacentes, elas andam de skate e patins, realiza-se exposições e encenações diversas, descansam sentadas no chão ou encostadas nos pilares, entre outros. O que se absorve aqui é essa capacidade de transformação de usos, haja vista que a marquise constantemente pode vir a ser outra nessa qualidade “atemporal”.

Figura 14 (esquerda) – Vista aérea da marquise do Ibirapuera. Figura 15 (direita) – croqui de Oscar Niemeyer.



Fonte: <http://au17.pini.com.br/arquitetururbanismo/226/artigo275965-1.aspx> (2012).

Nesse sentido, as referências convergem a ideia de “des-programação” àquilo que se refere ao programa arquitetônico. Trata-se, portanto, de não estipular qualquer prerrogativa de uso aos espaços, mas cientes que esse tipo de atitude é, também, um intuito programático aplicado a espacialidade, por menor que seja é uma estratégia mínima do programa arquitetônico.

RESULTADOS

A partir dos referenciais de estudo, elaborou-se diagramas em linhas, onde foram estipulados os principais eixos a serem seguidos no projeto, determinados pelos pontos visuais e acessos ao lote. Após a demarcação dos pontos, foram traçados os eixos de caminhos e eixos visuais para que, em seguida, fosse realizada a segunda etapa projetual (Figura 16 e 17).

Figura 16 (esquerda) – diagrama de conexões visuais (linha preta) e de visuais (linha azul); elementos arquitetônicos (pontos amarelos); e plano (em vermelho) massa arbórea e de convívio no parque.

Figura 17 (direita) – Melhoria da proposta (fig.16) com recurso computacional paramétrico: obtenção de resultados mais orgânicos.



Fonte: Richard MIAN FILHO (2019).

Na etapa apresentada pela Figura 17, foi derivada dos diagramas e parametrizada, onde tomou-se por base o sistema de projeção que se referênciamos em Bernard Tschumi no Parc de La Villette.

O objetivo declarado para o projeto estava na conexão entre bairros a partir da transposição das barreiras. Foi escolhido o terreno da “antiga fábrica Duratex” para que fosse projetado um parque urbano e, por meio dele, ocorresse essa transposição. Para que fosse realizado a transposição do rio, foi elaborado um anexo, o qual constitui em um deck de madeira inserido em cima do rio, com o propósito em promover feiras livres com produtores locais e uma praça no lado oposto do parque com uma área comercial e um mirante.

A conexão entre o parque e o pavilhão a ser implantado nas proximidades do terminal ocorre através de uma passarela que conecta o conjunto de mirantes do parque e pavilhão, além de transpor a linha férrea, serve como uma grande praça com plantas e bancos espalhados por sua extensão. A proposta dessa passarela e dos mirantes propõe conectar o ser humano com toda a cidade, dando oportunidade de contemplar os principais marcos da região, como a mesquita, chaminés das primeiras fábricas de Jundiá, ponte torta e até mesmo a Serra do Japi (Figura 18).

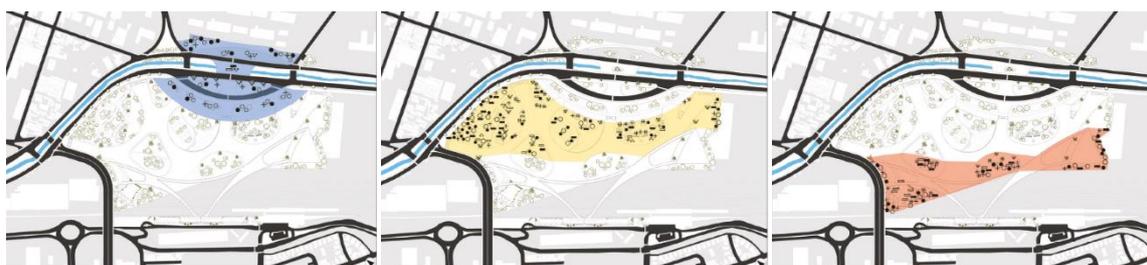
Figura 18 – Diagrama das conexões propostas.



Fonte: Richard MIAN FILHO (2019).

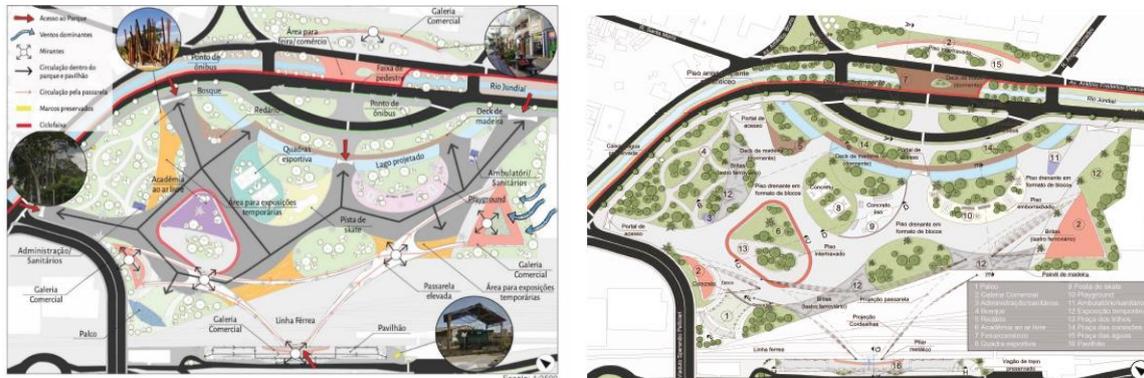
A setorização do parque, classificadas por Setor das Águas, Setor de Conexão e Setor dos Trilhos, foram escolhidas vegetações específicas para cada região, levando em conta suas cores predominantes (Figura 19 a 21). Com a seleção das espécies ornamentais, lançamos um elemento lúdico da mutação: “sempre ela, mas nunca a mesma!”. Tal desígnio pode ser alcançado pela coloração e período de floração dessas espécies, dando áreas de um “relógio das estações”.

Figuras 19 a 21– Respectivamente, Setor das Águas (azul), Setor de conexão (amarelo) e Setor dos Trilhos (rosa).



Fonte: Richard MIAN FILHO (2019).

Figura 22 (esquerda): plano de massas; e Figura 23 (direita): Planta de situação.

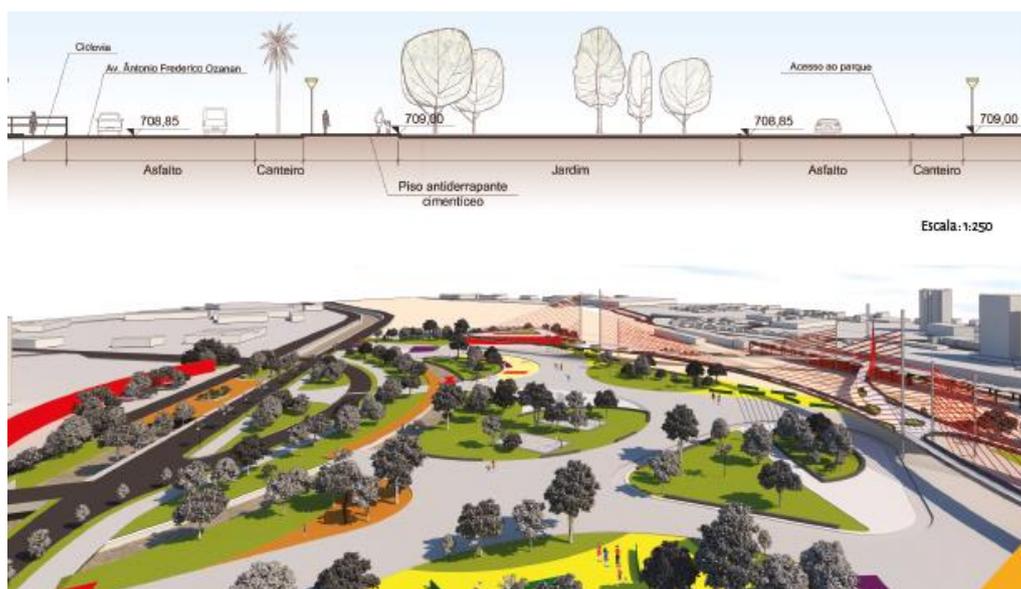


Fonte: Richard MIAN FILHO (2019).

Acima, nas figuras 22 e 23 apresenta-se um projeto preliminar com indicações da área de bosque e da circulação vertical e horizontal, previamente definidas – ou de uso fixo, àquilo que tange o mínimo grama/peso do programa – com sugestões de locais possíveis para atividades, como exposição, feiras de artesanato, redário, área de palco e/ou de possibilidade de maior concentração de do público.

O plano de massas desenvolvido de forma que elabora as distribuições de usos do parque e a conexão do projeto com o entorno do projeto. Com a figura 24, observa-se, na parte superior, um corte esquemático entre o início do rio Jundiáí, Av. Antônio Frederico Ozanan e acesso ao parque; abaixo, uma perspectiva da região do projeto, mostrando os bairros próximos e conexões entre os limites citados.

Figura 24 – Corte urbano e perspectiva aérea.



Fonte: Richard MIAN FILHO (2019).

Por fim, a proposta de implantação do projeto em imagem satélite (Figura 25).

Figura 25 – imagem satélite com a implantação do parque urbano.



Fonte: GOOGLE EARTH (2018), Edição: Richard Mian Filho (2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste exercício projetual, apresentou-se uma alternativa de reconversão urbana em áreas degradadas. A proposta trabalha sobre a concretude de bases reais, pois opera na prerrogativa das exigências do Plano Diretor Estratégico da Cidade em estimular o adensamento habitacional e a diversidade de usos urbanos, qualificando este espaço que, atualmente, é evitado pelas pessoas. Considerando a vida contemporânea nas cidades, complexidades que se cruzam, justamente, nas experiências sensíveis do/com espaço, nesse sentido, faz-se necessário re-sensibilizar o olhar da população a esses lugares em estímulo a apropriação espontânea que, por ser “des-programado” não impõe usos e/ou funções de caráter universal às pessoas, adequando-se ao momento do tempo presente social e cultural.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Profa. Carolina Maria Bergamini Lima e ao Prof. Carlos Alberto Ribeiro do Lago, respectivamente, como membros interno e externo na banca final de graduação, teceram considerações importantes a respeito deste trabalho e que se sintetizam nesta apresentação.

REFERÊNCIAS

BARONE, A. C. C. (2002), **Team 10: arquitetura como crítica**. São Paulo: Annablume/Fapesp.

CHOAY, F (1979). **O urbanismo: Utopias e realidades**. São Paulo: Perspectiva.

DURATEX. (2019), <https://www.duratex.com.br/pt/quem-somos/historia>.

FINOTTI, L. (2012), **A Marquise do Ibirapuera, em artigo de Ruth Verde Zein.** Revista AU, ed. 226. <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/226/artigo275965-1.aspx>.

FRASCINO, T. L. (2010), **Projeto vencedor do concurso de Reconversão Urbana Largo da Batata.** <https://slideplayer.com.br/slide/351810>.

GUATELLI, I. (2012). **Arquitetura dos entre-lugares: sobre a importância do trabalho conceitual.** São Paulo: Editora Senac.

GUATELLI, I. (2017), **Edificar parques. O [parergonal] Parc de La Villette e o futuro do passado.** *Arquitextos*, São Paulo, ano 18, n. 208.01, Vitruvius, set. 2017. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.208/6715>.

LYNCH, K. [2017 (orig.1960)], **A imagem da cidade.** São Paulo: WMF Martins Fontes.

MIAN FILHO, R. H. (2019), **Re-significando a Duratex: desconstruindo barreiras, requalificando o espaço público.** Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura e Urbanismo) – apresentado à Universidade Paulista – UNIP, Campus 44 – Jundiaí/SP.

MONTANER, J. M. (2017), **Do diagrama às experiências rumo a uma arquitetura de ação.** Barcelona: Editora GG.

PREFEITURA DE JUNDIAÍ. (2016), **Plano Diretor de Jundiaí.** <https://jundiai.sp.gov.br/planejamento-e-meio-ambiente/plano-diretor-e-zoneamento/>.

SOUZA, E. (2013), **Clássicos da Arquitetura: Parc de la Villette / Bernard Tschumi.** <https://www.archdaily.com.br/br/01-160419/classicos-da-arquitetura-parc-de-la-villette-slash-bernard-tschumi>.